



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Semana traz dados de inflação, emprego e contas públicas no Brasil

Em semana com a agenda de indicadores movimentada, destaque para a prévia da inflação (IPCA-15) de fevereiro, que deve mostrar uma alta expressiva no mês, levando o indicador de volta para a faixa de 5%. O índice será divulgado pelo IBGE na terça (25) e deve subir 1,36% no mês, pressionado pela devolução do Bônus de Itaipu nas contas de energia elétrica, alta nos combustíveis (aumento do ICMS e reajuste da Petrobras), típicos reajustes de início do ano nas mensalidades escolares e tarifas de transporte público, além da contínua pressão dos alimentos no domicílio. Com o resultado, o índice deve passar de 4,50% para 5,10%, bem acima do limite superior da meta (4,50%), mantendo a preocupação com a dinâmica inflacionária. Já a FGV divulga, na quinta (27), os números de fevereiro do IGP-M, que deve subir 1,05% no mês, diante do surgimento de novas pressões no atacado. Em 12 meses, o índice deve acelerar de 6,75% para 8,43%.

No mercado de trabalho, a taxa de desemprego deve subir de 6,2% para 6,6% em janeiro, pressionada por fatores sazonais e sinais de desaceleração da atividade. A alta do indicador é comum nos primeiros meses do ano, devido à demissão de temporários contratados para os eventos de fim de ano. No entanto, o dado também deve indicar alguma perda de fôlego adicional à sugerida apenas pela sazonalidade, após o ano bastante positivo de 2024. Os números serão divulgados pelo IBGE (PNAD) na quinta-feira (27). Já o Caged divulga, na quarta (26), os dados do mercado formal, que devem mostrar geração líquida de 49,0 mil vagas em janeiro, bem abaixo do registrado em jan/24 (+172,2 mil), também indicando alguma acomodação de geração de vagas no mercado de trabalho formal.

A semana também traz os números das contas públicas de janeiro, que tipicamente começam o ano com resultado positivo. O Tesouro divulgará, na quinta (27), o resultado primário do governo central, com expectativa de superávit de R\$ 87,6 bi, impulsionada pelo pagamento de tributos anuais no mês (IRPJ/CSLL) e por um usual menor volume de despesas no início do ano (inclusive pelo fato de o Orçamento ainda não ter sido aprovado para este ano). Já a Receita Federal divulga (sem data definida) os dados de arrecadação de impostos de janeiro, que devem mostrar algum arrefecimento, após o intenso crescimento real de 2024 (+9,6%). O menor dinamismo da arrecadação pode ser mais um sinal de arrefecimento da atividade, que, a depender de sua trajetória ao longo do ano, pode tornar ainda mais difícil o cumprimento da meta fiscal.

Também serão conhecidos os dados do setor externo, que devem seguir em tendência de piora. A expectativa é que a balança de transações correntes registre déficit de US\$ 9,0 bi em janeiro, pior do que o observado em jan/24 (US\$ -4,0 bi). Com isso, o déficit acumulado em 12 meses deve seguir aumentando e atingir 2,8% do PIB (ante 0,94% em jan/24). De toda forma, o crescimento da safra agrícola (e das exportações), a desvalorização do câmbio e a desaceleração da atividade devem levar a uma redução do déficit externo ao longo do ano.

Na agenda internacional, destaque para os dados de inflação nos EUA, que não devem mudar o sentimento de cautela em relação à trajetória dos preços no país. Na sexta (28), será divulgado o índice PCE (índice de preços de consumo pessoal), indicador preferido do FED, com expectativa de alta de 0,3% no mês, desacelerando o índice no acumulado em 12 meses de 2,6% para 2,5%. A expectativa é que o núcleo do PCE também mostre alguma descompressão na comparação anual, passando de 2,8% para 2,6%. De toda forma, a leitura não deve mudar a percepção que o Fed deve manter os juros estáveis em suas próximas reuniões, especialmente em um cenário marcado também por preocupação com os potenciais efeitos inflacionários com as políticas (comerciais) de Donald Trump.



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Ainda nos EUA, também serão conhecidos dados de atividade ao longo da semana. Na quinta (27), será conhecida a 2ª estimativa do PIB do 4T24, que deve confirmar a alta trimestral anualizada de 2,3% no período (ou 0,6% na margem), liderada pela força do consumo das famílias (+4,2% ou +1,0%). Na sexta (28), sairão os dados de renda e despesas pessoais de janeiro, que devem mostrar ligeira alta das despesas (+0,2%), indicando que o consumo segue em expansão. Ainda na semana, também serão divulgados dados do mercado de imobiliário e de confiança dos consumidores.

Na Zona do Euro, hoje cedo foi divulgado o resultado final da inflação ao consumidor (CPI) de janeiro, que acumulou alta de 2,5% nos últimos 12 meses. No mês, o índice caiu 0,3%, em função do recuo dos preços dos bens industriais (-2,4%). Apesar do índice seguir acima da meta, a fraqueza da atividade deve permitir ao BCE seguir cortando os juros na região.

Na China, os indicadores PMIs (manufatura e serviços) devem mostrar alguma melhora da atividade em fevereiro. Os resultados serão divulgados na sexta (28) e devem mostrar ligeira alta no mês, na esteira dos estímulos implementados no país desde meados do ano passado.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
24-27/fev	FGV: Sondagens de Confiança	Fev/25	-	-
25/fev	IBGE: IPCA-15	Fev/25	1,36% m/m 5,10% a/a	0,11% m/m 4,50% a/a
26/fev	Caged: Geração de Vagas Formais de Trabalho	Jan/25	49 mil	-535,5 mil
27/fev	PNAD: Taxa de Desemprego	Jan/25	6,6%	6,2%
27/fev	FGV: IGP-M	Fev/25	1,05% m/m 8,43% a/a	0,27% m/m 6,75% a/a
27/fev	Tesouro: Resultado Primário do Governo	Jan/25	R\$ 87,6 bi	R\$ 24,0 bi
27/fev	BCB: Estatísticas do Setor Externo	Jan/25	US\$ -9,0 bi	US\$ -9,0 bi
27/fev	BCB: Reunião do CMN	Jan/25	-	-
Sem data	RFB: Arrecadação Federal de Impostos	Jan/25	-	7,8% a/a

Fonte: Bloomberg.

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
24/fev	Zona do Euro	Inflação ao Consumidor (CPI)	Jan/25 – final	-0,3% m/m 2,5% a/a	0,4% m/m 2,4% a/a
25/fev	EUA	Confiança do consumidor (<i>Conf. Board</i>)	Fev/25	102,7 pts	104,1 pts
26/fev	EUA	Vendas de casas novas	Jan/25	-3,3% m/m	3,6% m/m
27/fev	Zona do Euro	Confiança do consumidor	Fev/25 – final	-13,6 pts	-14,2 pts
27/fev	EUA	PIB	4º tri/24 – 2ª estimativa	2,3% t/t (anualizado)	3,1% t/t (anualizado)
27/fev	EUA	Vendas de casas pendentes	Jan/25	-0,8% m/m	5,5% m/m
28/fev	EUA	Renda e Gastos Pessoais	Jan/25	0,4% m/m 0,2% m/m	0,4% m/m 0,7% m/m
28/fev	EUA	Deflator dos Gastos de Consumo Pessoal (PCE)	Jan/25	0,3% m/m 2,5% a/a	0,3% m/m 2,6% a/a
28/fev	China	PMI Manufatura / Serviços	Fev/25	50,0 pts / 50,3 pts	49,1 pts / 50,2 pts

Fonte: Bloomberg.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS

Proxies do PIB sinalizam forte desempenho em 2024, mas com desaceleração no final do ano

As *proxies* mensais do PIB reforçaram a leitura de esfriamento da economia no final de 2024, sugerindo um crescimento modesto no último trimestre do ano passado, mas não o suficiente para apagar o bom desempenho da atividade ao longo do ano passado.

O IBC-Br, índice de atividade calculado pelo BCB, surpreendeu negativamente ao recuar 0,7% em dezembro, pior do que o esperado pelo mercado (-0,4%). A queda no mês refletiu o recuo dos principais setores: varejo (-1,1%), serviços (-0,5%) e indústria (-0,3%).

Com o resultado, o índice ficou estável (0,0%) no 4º trimestre, após avançar 1,0% nos dois trimestres anteriores e 1,7% no 1T24, confirmando a perda de fôlego da economia na reta final de 2024. Apesar do fraco desempenho no 4º tri, o indicador fechou o ano com expansão acumulada de 3,8%.

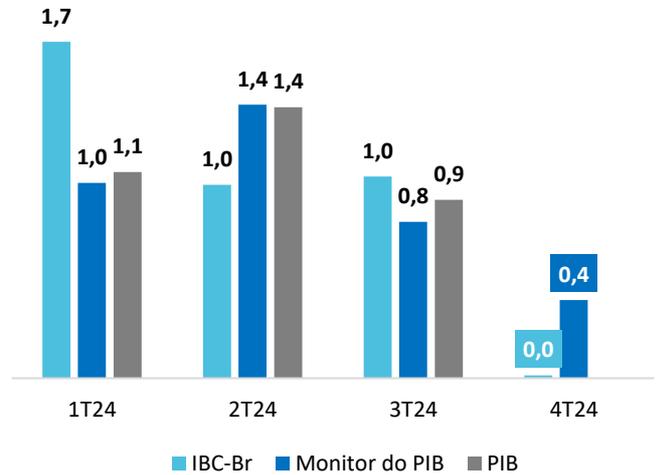
Já o Monitor do PIB, calculado pela FGV, subiu 0,3% em dezembro, também mostrando um desempenho bastante tímido no 4º tri, com alta de 0,4% no período. O resultado também mostrou uma desaceleração frente aos crescimentos registrados nos trimestres anteriores (+1,4% e +0,8% no 2º e 3º tri, respectivamente).

No ano, o indicador apontou crescimento de 3,5%, com a Fundação destacando o crescimento disseminado entre as diversas atividades econômicas, notadamente do consumo das famílias (+5,2%) e dos investimentos (+7,6%), na ótica da demanda.

Assim, as *proxies* reforçam a expectativa de um crescimento robusto do PIB em 2024, em torno de 3,5%, mas com sinais de desaceleração no fim do ano. Tal quadro deve se estender ao longo de 2025, diante da política monetária bastante restritiva e do ambiente externo incerto, levando a um crescimento mais modesto no ano, estimado, por ora, em torno de 2,0%.

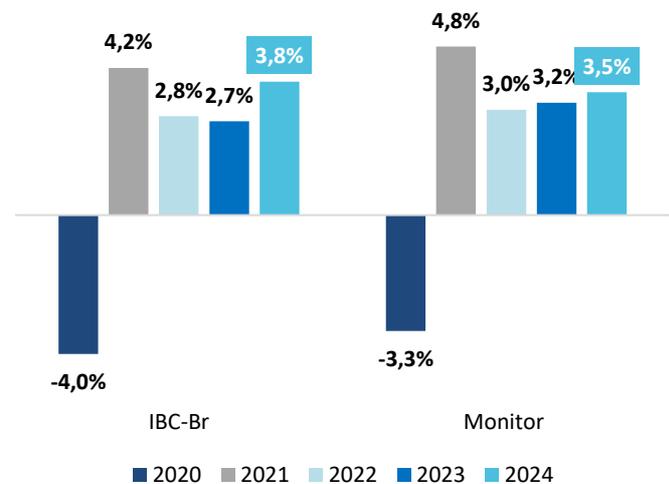
No campo da inflação, o IGP-10 subiu 0,87% em fevereiro, bem acima do esperado (0,27%) e acelerando ante o mês anterior (0,53%). O resultado foi impactado pela reversão do movimento de desaceleração nos preços de importantes *commodities* no atacado, com destaque para o café (+9,9%) e bovinos (+3,3%). Com isso, o índice de preços no atacado (IPA) subiu 1,02% no mês (ante +0,57%), sinalizando que as pressões inflacionárias devem continuar no varejo nos próximos meses. Em 12 meses, o índice passou 6,73% para 8,35%.

Quadro 1: IBC-Br, Monitor do PIB e PIB Var.% trimestral



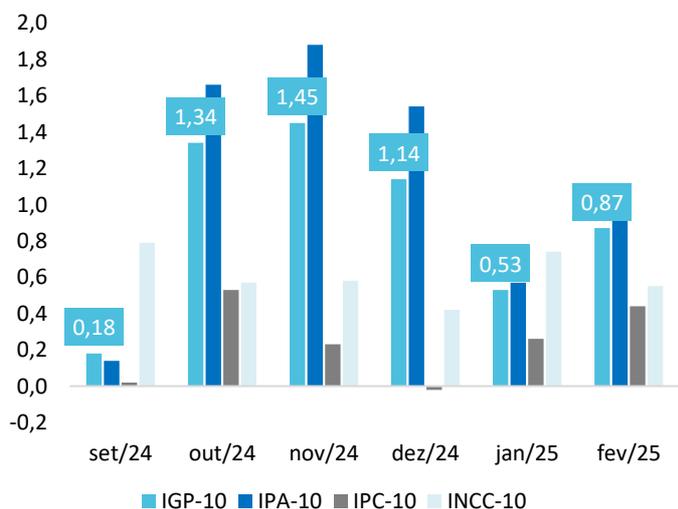
Fonte: BCB e IBGE

Quadro 2: IBC-Br e Monitor do PIB – Var.% anual



Fonte: BCB e IBGE

Quadro 3: IGP-10 – Var.% mensal



Fonte: FGV

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Piora das expectativas e perspectiva de juros altos por mais tempo penalizam mercados

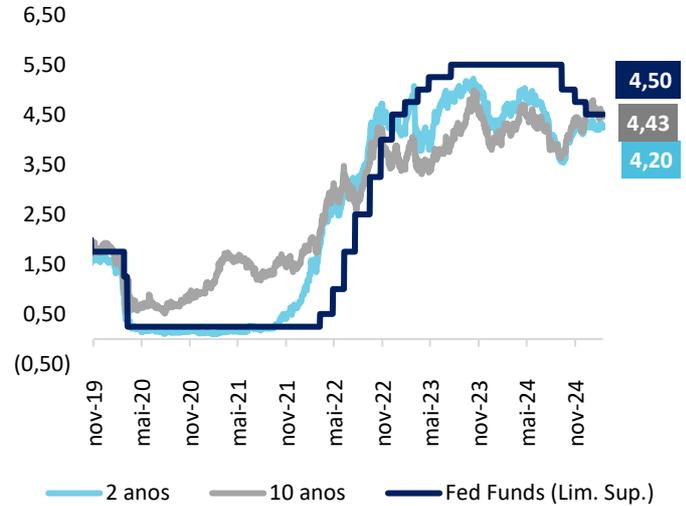
Após as semanas iniciais do governo Trump, cujo foco recaiu na nova política comercial do país (imposição de tarifas de importação), a última semana trouxe uma trégua nesse *front*. Por outro lado, o foco recaiu sobre as negociações em torno do fim da guerra da Ucrânia, onde os EUA e a Rússia tem avançado nas conversas, deixando a Europa e a própria Ucrânia de fora, indicado uma mudança radical nas relações entre os países, com os EUA abandonando aliados históricos (como os europeus) e se aproximado de adversários de longa data. Na economia, as políticas de Trump tem começado a mostrar seus efeitos colaterais, com piora das expectativas das empresas e sinalização de maior cautela por parte do Fed, que levaram a queda das principais bolsas do país na semana.

O Fed divulgou a ata da sua última reunião, que manteve os juros estáveis no intervalo entre 4,25% e 4,5% aa, justificando sua decisão com base na avaliação de que a economia se mantém com um ritmo de expansão sólido, desemprego baixo, enquanto a inflação segue um pouco elevada. Neste sentido, a expectativa é que a inflação siga em direção à meta de 2%, mas que é necessário ter mais evidências para apoiar essa visão. Por outro lado, o Comitê apontou que a política comercial de Donald Trump traz uma preocupação significativa, dado o seu potencial impacto inflacionário. Em geral, a mensagem do Comitê foi que a tendência é de manutenção dos juros estáveis nas próximas reuniões e que precisa de mais progresso da inflação em direção da meta, para voltar a reduzir os juros.

Dentre os indicadores, a semana foi relativamente fraca. Foram conhecidas as prévias de fevereiro dos índices PMI da manufatura e dos serviços nos EUA e na Zona do Euro. Nos EUA, o indicador mostrou queda acentuada do setor de serviços, que passou de 52,9 pts para 49,7 pts, bem abaixo das expectativas (53 pts) e o menor nível em mais de 2 anos. As empresas citaram a queda de novas encomendas, devido às incertezas geradas pela administração Trump, com preocupações com o aumento das tarifas de importações, aumento de custos e questões geopolíticas. A manufatura mostrou ligeira melhora (51,6 pts ante 51,2 pts), em linha com as expectativas.

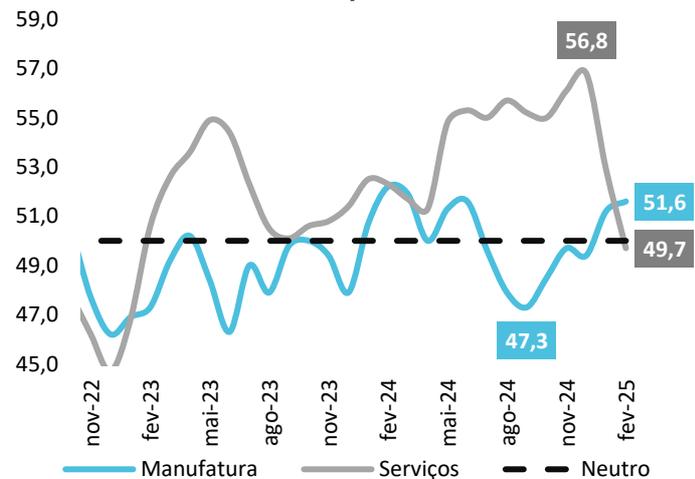
Na Zona do Euro, o dado voltou a decepcionar, mostrando que a atividade da região segue sem dinamismo, sugerindo um novo trimestre de relativa estagnação. O indicador do setor de serviços caiu de 51,3 para 50,7 pts, menor patamar nos últimos 3 meses, enquanto a manufatura subiu para 47,3 pts (ante 46,6 pts), mas permanecendo em terreno contracionista (abaixo de 50 pts) há 2 anos.

Quadro 4: Fed Funds Rate e Taxa das Treasuries de 2 e 10 anos – Em % aa



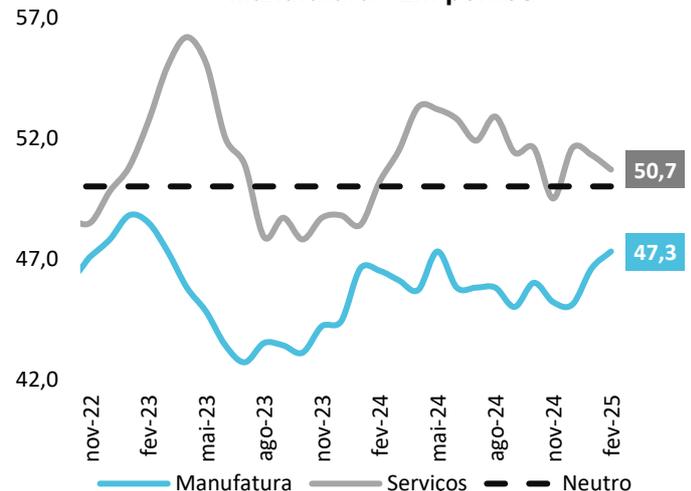
Fonte: CME Group.

Quadro 5: EUA – PMI Serviços e Manufatura Em pontos



Fonte: Bloomberg.

Quadro 6: Zona do Euro – PMI Serviços e Manufatura - Em pontos



Fonte: Bloomberg.

Resultado Corporativo 2024 Banco do Brasil

CRÉDITO / BANCOS

O Banco do Brasil (BB) registrou lucro líquido ajustado de R\$ 9,6 bilhões no 4º tri de 2024, acima do esperado (R\$ 9,4 bi) e equivalente a uma alta de 0,7% no trimestre e de 1,5% ante o 4T23. Com isso, a rentabilidade patrimonial (ROE) atingiu 20,8%, recuando 0,3 pp no tri e 1,7 pp em 12 meses. Na comparação com o 4T23, o resultado foi beneficiado pelo crescimento da margem bruta (+4,0%), das receitas com serviços (+5,1%) e redução das despesas com PDD (-7,2%).

No acumulado de 2024, o lucro líquido ajustado foi de R\$ 37,9 bi, com crescimento de 6,6% em relação a 2023. O ROE ficou praticamente estável, com ligeiro recuo de 0,2 pp no ano, passando de 21,6% em 2023 para 21,4% em 2024.

O desempenho foi impulsionado pelo aumento de 11,2% da margem bruta, refletindo a expansão da margem com clientes (+1,8%), favorecida pelo maior volume de crédito, e, sobretudo, pelo expressivo avanço de 68,1% na margem com o mercado, impulsionado pelo resultado da tesouraria. Adicionalmente, houve crescimento de 4,9% nas receitas com serviços e um controle rigoroso das despesas administrativas, que aumentaram apenas 4,4%, abaixo da inflação (4,83%). Esse cenário contribuiu para a melhora do Índice de Eficiência, que recuou 1,5 ponto percentual, atingindo 25,6%, a melhor marca da série histórica (desde 2014). Por outro lado, apesar da melhora no trimestre, as despesas com PDD cresceram 16,9% no ano, refletindo o aumento da inadimplência no setor agro.

A carteira de crédito ampliada do BB cresceu 15,3% em 2024, atingindo R\$ 1,278 tri. Desconsiderando a carteira externa (impactada pelos movimentos do câmbio), a expansão foi de 12,8% no ano. A alta foi disseminada em todos os segmentos, mas liderada pela carteira às empresas (+18,0%), com destaque para a carteira Governo (Estados/municípios) (+30,5%) e de grandes empresas (+20,7%), enquanto a carteira de MPMEs (+6,7%) registrou alta mais modesta. No caso da carteira PF (+7,3%), a alta foi liderada pelo crédito consignado (+9,8%). Já o crédito agro, onde é líder de mercado (50,1%), cresceu 11,9% em 2024, puxado pela emissão de CPRs e garantias (+36,4%).

A taxa de inadimplência (acima de 90 dias) atingiu 3,3% da carteira, estável no trimestre, mas com alta de 0,4 pp ante o fim de 2023. Tal aumento foi puxado pelo segmento agro (+1,5 pp, para 2,45%), impactado pela menor safra, problemas climáticos e pressões de custo. Entre as empresas, o indicador subiu 0,1 pp no ano, para 3,5%, enquanto entre as famílias, a inadimplência recuou 0,1 pp, para 4,6%.

Para 2025, o BB divulgou seu *guidance* prevendo uma expansão da carteira de crédito ampliada entre 5,5% e 9,5%, sem levar em conta a carteira destinada ao governo e externa. A expansão do crédito deve ser puxada pela carteira PF (entre 7% e 11%), mas com expectativa de crescimento também nas carteiras PJ (4% a 8%) e do agro (5% a 9%). O banco também espera alguma pressão sobre a qualidade da carteira, com a PDD estimada entre R\$ 38 bi e R\$ 42 bi (ante R\$ 35,7 bi em 2024). Já o lucro líquido deve se manter em linha com o observado em 2024 (R\$ 37,9 bi), projetado entre R\$ 37 bi e R\$ 41 bi.

Quadro 7: Resultado 2024 – Banco do Brasil

Banco do Brasil - R\$ Mi	2023	2024	Var. % 12 m
ITENS PATRIMONIAIS¹			
Ativo Total	2.172.480	2.433.868	12,0%
TVM	468.968	593.503	26,6%
Depósitos	835.671	898.994	7,6%
Patrimônio Líquido	173.076	190.072	9,8%
DRE			
Margem Financeira Bruta	93.497	103.944	11,2%
Provisão p/ créditos de liquid. Duvidosa	-30.531	-35.698	16,9%
PDD - Risco de Crédito	-32.221	-41.422	28,6%
PDD - Recuperação de Crédito	8.275	9.499	14,8%
Receitas com Prestação de Serviços e Tarifas Bancárias	33.831	35.477	4,9%
Despesas Administrativas	-35.454	-36.998	4,4%
IR/CSLL	-8.382	-7.657	-8,6%
Lucro Líquido Ajustado	35.562	37.896	6,6%
RENTABILIDADE E PRODUTIVIDADE²			
ROAE	21,6%	21,4%	-0,2 p.p.
ROAA	1,7%	1,6%	-0,1 p.p.
Índice de eficiência	27,1%	25,6%	-1,5 p.p.
CRÉDITO			
Carteira de crédito ampliada ³	1.108.578	1.278.421	15,3%
Interna	1.059.210	1.194.981	12,8%
PF	313.119	336.018	7,3%
PJ	390.786	461.254	18,0%
Agronegócios	355.305	397.710	11,9%
Externa	49.368	83.440	69,0%
Despesa PDD/Carteira de crédito amp.	0,9%	0,7%	-0,2 p.p.
Taxa de inadimplência (> 90 dias)	2,9%	3,3%	0,4 p.p.
Índice de Basileia	15,5%	13,8%	-1,7 p.p.
Cobertura > 90 dias	196,7%	171,3%	-25,4 p.p.

Fonte: BB RI. Elaboração: FEBRABAN. ¹Contábil ²Anualizado ³Inclui operações com TVM e garantias.

Regulação – Comitê de Estabilidade Financeira do Banco Central (Comef)

CRÉDITO / BANCOS

Comef mantém o Adicional Contracíclico de Capital Principal relativo ao Brasil em 0%

Em sua 60ª reunião, realizada nos dias 18 e 19 de fevereiro, o Comitê de Estabilidade Financeira (Comef) do Banco Central manteve o Adicional Contracíclico de Capital Principal (ACCPBrasil) em 0%. Na prática, isso implica que os bancos seguem sem exigência de alocação extra de capital para as operações de crédito. Tal acréscimo normalmente é estabelecido (com defasagens temporais) pelos Bancos Centrais durante período de expansão mais forte do crédito, para que a parcela de capital acumulada nesse período seja utilizada em momentos de contração, atuando como um colchão anticíclico.

A avaliação do BCB é que os bancos tem mantido voluntariamente níveis de capital e liquidez superiores aos requerimentos prudenciais, com níveis de suficiência comprovados pelos testes de estresse feitos pelo BCB, divulgados na Ata da reunião do Comef e no Relatório de Estabilidade Financeira (REF). De toda forma, o Comef recomendou que as IFs persistam com a política de gestão prudente de capital e liquidez, em função das incertezas econômicas.

Em nota, o Comef considera que o Sistema Financeiro Nacional (SFN) está preparado para enfrentar a materialização de risco de crédito (inadimplência), que segue ocorrendo nas operações com micro, pequenas e médias empresas (MPMEs) e no crédito rural para pessoas físicas. Por outro lado, mantém-se a tendência de redução da materialização nas linhas de maior risco do segmento de pessoas físicas. Ainda, o Comef apontou que as provisões para as perdas de crédito se mantêm adequadas.

O Comitê também destacou que a carteira de crédito bancário manteve seu ritmo de crescimento no 4º trimestre, mas que a Pesquisa Trimestral de Condições de Crédito aponta para um menor apetite e tolerância ao risco por parte das instituições financeiras (para ver mais informações sobre a Pesquisa, consultar o informativo da semana passada). Em contrapartida, o crédito obtido via mercado de capitais ainda não apresenta sinais de inflexão (como é possível ver na página seguinte, que traz os números de janeiro). Neste contexto e em um cenário caracterizado por elevação da taxa Selic e pelos níveis atuais de inadimplência, comprometimento de renda e endividamento (famílias e empresas), o Comef recomenda cautela e diligência adicionais na concessão de crédito.

Diante do cenário destacado, o Comitê julgou pertinente manter o ACCPBrasil em 0% nas próximas reuniões, como resultado das atuais condições financeiras, dos preços dos ativos e das expectativas em relação ao mercado de crédito.

A ata da reunião será divulgada nesta quarta-feira (26), trazendo mais detalhes sobre o encontro. A próxima reunião do Comef está marcada para os dias 27 e 28 de maio. [Clique aqui](#) para ler o comunicado completo.

Boletim do Mercado de Capitais da Anbima

CRÉDITO / BANCOS

A Anbima divulgou que as captações no mercado de capitais doméstico totalizaram R\$ 43,1 bilhões em janeiro, abaixo do registrado em dezembro (-57,3%) - mês sazonalmente mais forte do ano, enquanto janeiro tende a ser o mais fraco - mas praticamente o dobro (+94,3%, em termos reais) do observado no mesmo período de 2024, indicando que apesar das incertezas do cenário e da elevação da taxa Selic, o mercado de capitais segue como uma fonte relevante de recursos para as empresas.

As emissões de debêntures seguem bastante aquecidas. Em janeiro, foram captados R\$ 28,5 bi através do instrumento, o equivalente a 66% do total no mês e uma alta real de 228,5% ante jan/24. Interessante notar que a maior parte dos recursos (45%) foi destinada para investimentos em infraestrutura.

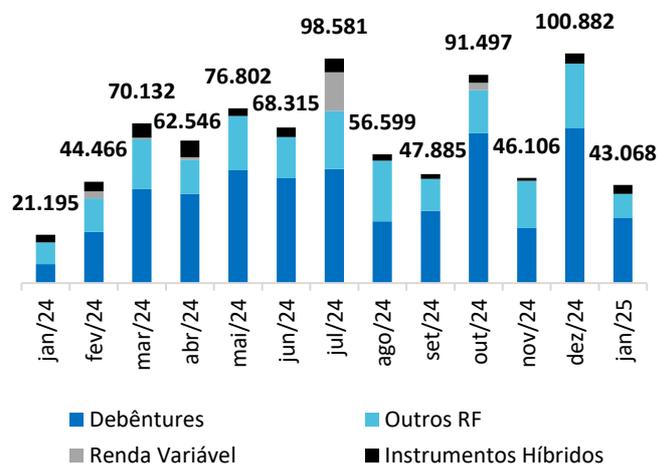
As emissões de outros instrumentos de renda fixa também cresceram no mês (+7,7%), com destaque para os CRAs (+36,6%) e FIDCs (+4,1%). Por outro lado, houve queda na emissão de CRIs (-17,8%).

A emissão de instrumentos híbridos (FIAGROs e FIIs), por sua vez, subiu 9,9%, diante do forte aumento da captação dos FIAGROs (+1225%), cujo volume passou de R\$ 75 milhões em jan/24 para R\$ 1,0 bi em janeiro deste ano, provavelmente refletindo a melhora esperada nas condições financeiras do setor agrícola neste ano.

Por outro lado, não foram observadas novamente captações via *equity* (instrumentos de renda variável), ou seja, não houve nenhum IPO ou *follow-on* no mês, assim como já havia acontecido em jan/24, fenômeno que tem sido a tônica dos últimos anos, reflexo do ambiente de juros elevados.

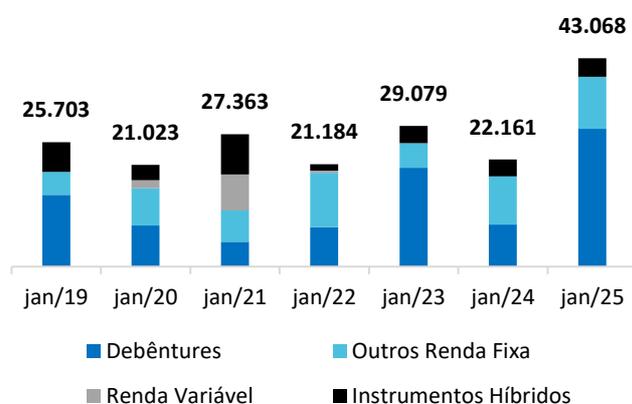
Em suma, o mercado de capitais iniciou o ano com uma dinâmica semelhante ao segundo semestre de 2024, quando mostrou números bastante expressivos. Com isso, o estoque de títulos privados na economia tem crescido de forma relevante, atingindo patamar próximo ao do mercado de crédito bancário para empresas. Ao longo do ano, a tendência é que haja algum arrefecimento, diante do alto nível dos juros. Contudo, estruturalmente (ou seja, a longo prazo), tal mercado parece que tende a ganhar cada vez mais importância como fonte de recursos para as empresas.

Quadro 8: Captação no Mercado de Capitais por instrumento - Em R\$ mi



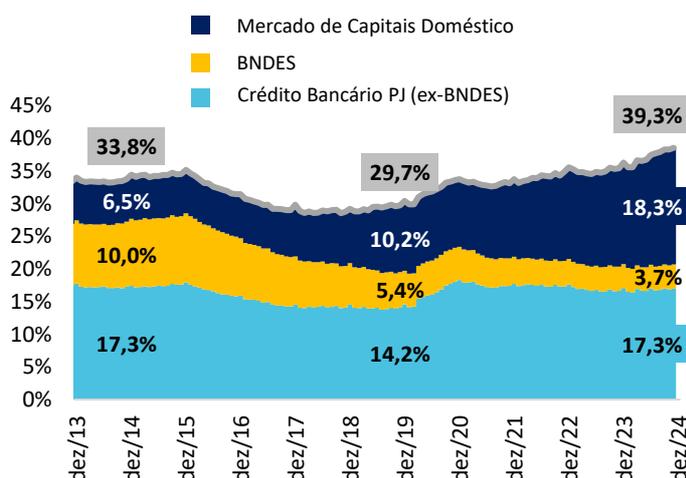
Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

Quadro 9: Volume de captação nos meses de janeiro (R\$ mi – Preços de jan/25 IPCA)



Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

Quadro 10: Crédito Bancário e do Mercado de Capitais para Empresas – Em % do PIB



Fonte: BCB



MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2025				2026			
	21/02/25	14/02/25	24/01/25	Viés	21/02/25	14/02/25	24/01/25	Viés
IPCA (%)	5,65	5,60	5,50	▲	4,40	4,35	4,22	▲
PIB (% de crescimento)	2,01	2,01	2,06	↔	1,70	1,70	1,72	↔
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	15,00	15,00	15,00	↔	12,50	12,50	12,50	↔
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,99	6,00	6,00	▼	6,00	6,00	6,00	↔

Fonte: Banco Central do Brasil.

Indicadores do Mercado	21/02/25	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,73	0,56%	-1,94%	-7,23%	15,43%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	168,46	1,00%	-6,31%	-21,64%	31,87%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	13,44	0,56%	2,13%	9,11%	21,60%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	14,53	-2,23%	-2,91%	-5,69%	46,17%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	14,37	-1,27%	-2,18%	-7,85%	37,32%
Índice Ibovespa (em pontos)	127.128,06	-0,85%	0,79%	5,69%	-2,39%
IFNC (setor financeiro)	13.202,13	-1,71%	0,69%	11,60%	-0,75%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	4,50	0,00%	0,00%	0,00%	-18,18%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	4,20	-1,43%	0,02%	-1,03%	-10,90%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,43	-1,00%	-2,37%	-2,24%	2,56%
Dollar Index	106,61	-0,09%	-1,62%	-1,40%	2,55%
Índice S&P 500 (em pontos)	6.013,13	-1,66%	-0,45%	1,80%	18,21%
Índice de ações de bancos – EUA	121,00	-3,84%	-4,35%	0,75%	22,95%
Índice Euro Stoxx 50	5.474,85	-0,34%	3,56%	12,44%	12,76%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	176,88	2,01%	9,27%	21,69%	44,62%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	74,43	-0,41%	-3,04%	0,05%	-11,04%

Fonte: Bloomberg.

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 Daniel Casula
 João Vítor Siqueira